

## **Apresentação da peça datada de 1608 – 17 de Maio 2014**

A peça que hoje apresentamos pela primeira vez ao público e que constitui a mais recente doação feita ao Museu, por intermédio do Círculo Dr. José de Figueiredo/ Amigos do Museu Nacional de Soares dos Reis, é um marco na história da faiança portuguesa.

A faiança portuguesa mais antiga que era conhecida até há poucos anos datava toda do séc. XVII e o seu estudo teve início ainda nos finais do séc. XIX com Joaquim de Vasconcelos. Através dos seus artigos publicados em revistas e dos livros que dedicou à cerâmica portuguesa, procurou chamar a atenção para a faiança produzida em Portugal e dá-la a conhecer ao público em várias exposições que organizou, culminando na criação do Museu Industrial e Comercial do Porto, que funcionou aqui bem perto de nós, num espaço perto do Palácio de Cristal. A sua intenção era incentivar a produção cerâmica do seu tempo a procurar através do exemplo das nossas produções mais antigas os modelos mais caracterizadamente portugueses e a qualidade que era necessário atingir.

A ele se seguiram muitos outros investigadores bem conhecidos de quem se debruça sobre este tema, como Rocha Peixoto, José Queirós, Pedro Vitorino, Alfredo Keil ou, mais perto de nós, Vasco Valente, Reynaldo dos Santos e Santos Simões.

Todos estes estudiosos se basearam no estudo comparativo das peças existentes nos museus e colecções particulares que conheciam. Foi assim que, através de algumas peças com data inscrita, que serviram de exemplo e de baliza, e da comparação formal e estilística com peças de outros centros produtores e sobretudo com as peças em porcelana chinesa trazidas pelos europeus, na base dos quais estiveram os portugueses desde o séc. XVI, apareceram as primeiras tentativas de seriação e cronologia da faiança portuguesa de produção oficial, anterior à criação das manufacturas, sendo a primeira a de Massarelos, em 1763.

Mas o que nos interessa agora focar é a faiança mais antiga. O exemplar datado mais antigo que se conhecia era precisamente uma taça existente no nosso Museu e que pertencia à colecção do extinto Museu Municipal do Porto, com a data de 1621 (imagem 1 e 2). O que foi possível constatar pela análise das peças e que se verifica na taça de 1621 foi a grande influência oriental que se observava nas peças portuguesas, sobretudo nas mais recuadas, saindo da esfera de influência de outros países europeus com produção de faiança mais antiga, dos séculos XV e XVI, como a Espanha, a Itália ou a França e onde o fascínio oriental ainda não se fazia sentir. Só mais tarde, já na segunda metade do séc. XVII e durante o séc. XVIII, encontraremos nesses países as típicas decorações orientalizantes.

Voltando ao caso português, foram estabelecidas cronologias através da evolução decorativa, sendo atribuídas designações aos vários tipos decorativos, como “aranhões”, “desenho miúdo”, “contas”, “rendas”, algumas das quais se viria a verificar não serem correctas. Por exemplo, na cronologia estabelecida por Reynaldo dos Santos, o motivo do “desenho miúdo” foi considerado comum dos mais antigos e, com a evolução do conhecimento, verificou-se que é uma decoração usada só na segunda metade do séc. XVII, apesar da grande qualidade geralmente associada a estas peças, mais de acordo com a produção mais frequente na primeira metade do séc. XVII.

Foi, no entanto, o grande desenvolvimento da arqueologia em Portugal nas últimas décadas do séc. XX e sobretudo o início de escavações arqueológicas sistemáticas levadas a cabo nos centros históricos das cidades e nos monumentos previamente às obras de recuperação, que veio permitir um melhor conhecimento não só do uso da faiança que aparece nesses contextos, mas também da sua produção, já que também foram escavados locais de produção, de que são exemplo o forno de uma olaria que laborou no séc. XVII na antiga Rua Direita em Gaia, ou mais recentemente os fornos da Mata da Machada, no Barreiro, junto de Lisboa, datados do séc. XVI.

Foi através do acesso ao espólio destas escavações que investigadores mais recentes puderam comprovar a existência de várias centros produtores no país e começar a tentar encontrar os elementos que permitem a sua distinção, trabalho esse que se encontra ainda no início, mas que já deu alguns resultados.

Do mesmo modo, foi através das escavações arqueológicas realizadas noutros países, com particular relevo para a Holanda, onde a escavação do bairro judeu português em Amesterdão pelo Dr. Ian Baart, despoletou o interesse pela faiança portuguesa e o seu reconhecimento pela comunidade científica internacional. Até aí, inúmeras peças portuguesas eram classificadas sobretudo como alemãs ou espanholas, apesar de Alfredo Keil, no início do séc. XX, ter comprovado a origem portuguesa de muitos exemplares atribuídos a Hamburgo, o que não foi tido em consideração na época pelos ceramólogos estrangeiros, nomeadamente alemães, que continuaram a classificar essas peças como hamburguesas. Noutros casos, os achados ficavam por identificar, como aconteceu sobretudo nas Américas ou em Inglaterra.

Ao mesmo tempo que um maior número de peças era conhecido e catalogado, muitas vezes em contextos arqueológicos que permitiam datações mais aproximadas, foi sendo feito um estudo cada vez mais aprofundado da documentação e da literatura da época. Alguma desta documentação e literatura era já conhecida e amplamente citada pelos vários autores que se tinham debruçado sobre a faiança portuguesa, mas nem sempre as conclusões tiradas da sua leitura eram contextualizadas, nem comprovadas cabalmente.

Também o uso de determinadas terminologias que se verificou serem ambíguas, como o termo malegueiro, muitas vezes conotado com a produção de loiça vidrada branca, mas que pode ser atribuído simplesmente a loiça vidrada, não permitia certezas, embora tudo apontasse no sentido de que a faiança portuguesa teria tido início já no séc. XVI, apesar de não serem conhecidas peças datadas desse período.

Há no entanto, quer para Lisboa, nos documentos oficiais sobre posturas gerais para os oficiais mecânicos publicados por Duarte Nunes de Leão e referentes aos anos entre 1569 e 1571 a indicação da existência de um juiz do ofício de loiça branca vidrada, quer para Coimbra, nas Vereações de 1573-1574, a referência a “malegas vidradas por dentro e por fora de feição de porçolanas delgada de borda” . Aqui não parece haver dúvidas de que se trata de faianças. Outra fonte muito utilizada por todos os autores é constituída pelas descrições do Arco dos oleiros levantado em Lisboa por ocasião da entrada triunfal de Filipe II em 1619, de que a mais conhecida e citada é a de João Baptista Lavanha, onde se faz referência ao fabrico no reino lusitano do que “antes tam caro nos vendeu a China”, bem como à sua exportação através da alusão aos “navios estrangeiros que se carregavam da nossa (porcelana)”.

Já relativamente aos azulejos não acontece o mesmo, visto que há painéis datados do séc. XVI, na Quinta da Bacalhoa, em Azeitão (1563) e na capela de S. Roque, em Lisboa, da autoria de Francisco de Matos (1584).

Nos últimos anos foram apresentadas várias teses de doutoramento sobre faiança portuguesa, nomeadamente a de Luis Sebastian sobre a produção oleira de faiança em Portugal, a de Tânia Casimiro sobre a faiança portuguesa encontrada nas Ilhas Britânicas e a de Alexandre Pais sobre a produção de Lisboa. Estas teses, além de sistematizarem a informação dispersa, propondo novas leituras, vieram trazer nova luz sobre esta problemática, dando a conhecer os inúmeros exemplares exumados em escavações arqueológicas um pouco por todo o mundo e comprovando não só a existência de produção de faiança portuguesa desde o séc. XVI, como dando início ao estudo comparativo das produções dos três grandes centros de Lisboa, Coimbra e Porto (Vila Nova de Gaia), procurando pela primeira vez distingui-las com bases mais sólidas.

Nesta área estão ainda no começo as análises laboratoriais feitas em várias universidades portuguesas, procurando distinguir os vários fabricos, através da análise das pastas e dos vidrados, bem como das barreiras nacionais.

A criação em curso de bases de dados com os resultados destas análises, bem como das peças encontradas nos vários locais escavados irá permitir um melhor conhecimento dos vários centros produtores e contextualizar muitas das peças que se encontram nos museus, cuja proveniência nos é normalmente desconhecida, ou quando muito sabemos a que colecionador pertenceu.

Depois de feito este ponto da situação relativamente ao conhecimento actual sobre a faiança portuguesa, vamos analisar a peça agora doada ao museu.

A forma como chegou ao nosso conhecimento a sua existência está ligada às actividades que os Amigos do Museu vão promovendo em parceria com o Museu. Foi durante uma sessão dedicada à cerâmica portuguesa, tendo como mote uma travessa de galhetas do séc. XVII da nossa colecção e que deu a conhecer aos Amigos inscritos precisamente as teses do nosso colega Luis Sebastian, actual Director do Museu de Lamego e arqueólogo responsável pelas escavações arqueológicas dos mosteiros de Salzedas e Tarouca, que um dos presentes trouxe esta peça para ser analisada. Foi uma feliz coincidência que deu a conhecer uma peça tão importante dentro do panorama da nossa faiança, até aí completamente desconhecida dos estudiosos de cerâmica. Aos Amigos do Museu se deve esta iniciativa e ao Amigo do Museu proprietário da peça a enorme generosidade de a oferecer agora ao Museu. Quando vimos a peça pela primeira vez quase nos custou a acreditar que tínhamos aquela data diante dos olhos - 1608 (imagem 3). O maior interesse que esta belíssima peça apresenta é sem dúvida a data que exhibe na frente, num medalhão com uma águia bicéfala, encimada por uma coroa (imagem 4). A data de 1608 faz recuar significativamente as datações das faianças portuguesas, já que a peça datada, anteriormente conhecida como a mais antiga, era a já referida taça de 1621, também pertencente à nossa colecção.

Tipologicamente temos uma panela com asas e que provavelmente teria também tampa, como encontramos noutras peças semelhantes. É uma novidade ver esta tipologia e sobretudo a decoração que apresenta em data tão recuada. São conhecidos exemplares de panelas, alguns deles com uma característica que não se verifica neste, a de apresentarem no interior de um dos lados um ralo. No entanto, todos estes exemplares são de datas posteriores – os mais antigos da década de 20, os mais

recentes da década de 50. Segundo o nosso colega Alexandre Pais, autor da tese sobre a produção de faiança de Lisboa dos séculos XVI a XVIII, trata-se de peças produzidas nesse centro, mas destinadas ao mercado alemão, onde apareceu o maior número de exemplares, concretamente na cidade de Hamburgo. É conhecido o intenso comércio entre Portugal e a Liga Hanseática de que Hamburgo fazia parte, sendo esta a cidade alemã onde encontramos o maior número de peças de faiança portuguesa, muitas delas feitas expressamente para este mercado, como o atestam inúmeras peças com brasões de famílias locais, ou da cidade. Só há cerca de 20 ou 30 anos é que os estudiosos alemães reconheceram que esta produção é portuguesa, pois até aí era classificada sistematicamente como hamburguesa.

As panelas com ralo serviriam possivelmente, ainda segundo o mesmo autor, para o vinho aromatizado com ervas que seriam colocadas em infusão no ralo, hábito esse frequente nos países nórdicos.

Apesar da constatação deste facto, este tipo de panelas também nos aparece em Portugal, como é o caso do presente exemplar que, apesar de não conhecermos a sua origem primeira, estava na família dos doadores há várias gerações, não havendo notícia da sua aquisição. Outro exemplar, este com ralo interior, mais tardio, provavelmente já de meados do século XVII e que pertence também à colecção do museu, pertenceu ao convento de Santa Clara de Vila do Conde, portanto foi usado no mercado interno (imagem 5).

A decoração da panela de 1608 apresenta na frente a águia bicéfala coroada, símbolo usado pelos imperadores do sacro império romano germânico, na época representado pela coroa espanhola, na figura de Filipe III, II de Portugal. Este motivo aparece igualmente em várias peças portuguesas exportadas para Hamburgo, mas não em panelas. Trata-se sobretudo de outra tipologia muito comum nessas peças encontradas na Alemanha – garrafas periformes, mais ou menos esguias, de colo alto, que apresentam este motivo em alguns exemplares, dentro de um medalhão. A pintura da decoração desta peça de 1608 é muito cuidada e de grande qualidade, quer no tratamento da águia coroada, com uma fita que passa pelos bicos e a envolve lateralmente, quer na restante superfície com decoração vegetalista, onde avulta a representação da camélia, que será tão frequente em peças da 1ª metade do século XVII (imagem 6). Podemos comprová-lo num pote de grandes dimensões patente na exposição permanente do nosso museu e no gomil datado de 1638 e que também aí se pode ver.

Mas será nos azulejos que encontraremos o maior número de representações da camélia. Os exemplares mais antigos, dos anos 20, são frontais de altar em painéis de azulejo, normalmente pintados com paisagens exóticas, onde vemos aves entre vegetação com camélias. Mais tarde serão criados vários padrões, cada vez mais complexos, com representações de camélias. A data de 1608 é de facto a mais antiga atribuída a uma representação de camélias até agora. Através desta peça demos mais um passo no conhecimento da faiança portuguesa e percebemos que temos que recuar o início da produção, uma vez que se trata de uma peça muito cuidada, com grande riqueza e qualidade decorativa que denota já um domínio avançado da técnica de fabrico da faiança e não um fabrico incipiente. Até agora só se conheciam peças brancas, não decoradas, do séc. XVI, provenientes precisamente de um forno de faiança na Mata da Machada, no Barreiro, mas com este exemplar podemos prever que aparecerão outras peças mais recuadas igualmente decoradas.

Aliás, através da datação apontada para alguns achados arqueológicos na Holanda entre 1580-1620, onde predomina um tipo de pratos com decoração oriental, mas que não preenche toda a superfície, deixando o covo branco e parte do fundo, ao contrário do que acontece com os conhecidos pratos de aranhões, inspirados na porcelana chinesa do período Wanli, podemos talvez comparar com pratos com este tipo de decoração das colecções dos nossos museus (imagem 7 e8). Estes poderão estar dentro da cronologia dos achados holandeses e ir buscar a inspiração às primeiras peças trazidas pelos portugueses da China no séc. XVI, no período Jiajing. Como podemos constatar, o aparecimento desta peça veio abrir novas janelas para o conhecimento da faiança portuguesa mais antiga e certamente irá ser objecto de estudo dos investigadores que se debruçam sobre este assunto. Entretanto podemos admirá-la desde já no nosso Museu, pois passará a integrar a exposição permanente.

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5





Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8

